

PROFETUS

340

PERSONAGENS



MARIA

SÍLVIO

BEATRIZ

ALFREDO

CARLOS

DARLÃ

AUGUSTO

JORGE

SÔNIA

CLÁUDIA

LOURENÇO

ANGÉLICA

5º MENTOR

GUTO

BRINQUEDO I

AMIGA I

BRINQUEDO II

AMIGA II

BRINQUEDO III

AMIGA III

BRINQUEDO IV

AMIGA IV

BRINQUEDO V

AMIGO I

BRINQUEDO VI

AMIGO II

SÍLVIA

OBSESSOR

LUCIANA

SANDRA

REGINA

RUI

ZÉ

NELSON SOBRERO

PRESIDENTE DA MESA

KARINA

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



AUTOR: MARCO ANTÔNIO LIRIO DE MELLO

PROFETUS



- CENA 1 - No palco encontram-se Maria e Sílvia contorcendo-se, enquanto isso ouve-se vozes. Maria e Sílvia se movimentam na penumbra.
- CARLOS - Ela não apresenta melhoras?
- AUGUSTO - Muito lentas, gradativamente está se recuperando do choque, entretanto o seu caso ainda é grave.
- SÔNIA - Já tentamos fazê-la voltar a si, mas ela está muito abalada com o que aconteceu; não conseguimos fazê-la despertar.
- LOURENÇO - Aliás, diga-se de passagem, ela demonstra não querer voltar a si, é como uma fuga para não encarar a realidade.
- CARLOS - Pelo que pude observar, a situação dele também é crítica.
- AUGUSTO - Tem toda razão Carlos, Sílvia está inconsciente e além disso descobrimos que ele está emitindo pesadas vibrações. Isso está destruindo pouco a pouco o seu centro nervoso.
- CARLOS - Destruindo?
- LOURENÇO - Suas vibrações o estão aniquilando, e o que é pior, ele não quer sair desse estado.
- CARLOS - E se ele quiser sair ele pode?
- SÔNIA - Querer é poder!
- AUGUSTO - Neste instante, já está tornando-se possível o intercâmbio mental dos dois.
- SÔNIA - Uma aproximação pode trazer resultados benéficos, continue trabalhando.
- LOURENÇO - Aos poucos eles poderão lembrar de tudo o que aconteceu. Agora tudo está nas mãos deles próprios.



- AUGUSTO - As providências necessárias à recuperação da memória já foram tomadas, resta-nos esperar o desfecho dos acontecimentos.

- CENA 2 - Após a voz do último mentor, Maria e Sílvia ficam alguns instantes no palco. Depois disto apagam-se as luzes e Beatriz entra em cena:

- BEATRIZ - MARIA, onde está você? (descobre Maria escondida no canto do palco); aí está você sua pestinha, apostado que é culpa dessas companhias que você anda A tal da Martina, a Ziza, a Tinoca, vê se isso é nome de gente.

- MARIA - Mas mãe, faz um mês que eu não brinco com elas, já esqueceu que eu estou de castigo?

- BEATRIZ - De teimosa que é, agora limpe essa bagunça antes que a proíba de ir ver televisão. (Beatriz sai do palco)

- MARIA - (falando sozinha) Você já me proibiu de ver TV, de sair com meus amigos, de fazer isso, de fazer aqui lo não posso nem mais brincar... (Entra no palco Sílvia e aproxima-se vagarosamente de Maria).

- SÍLVIA - Nem comigo?

- MARIA - Quem é você?

- SÍLVIA - Eu sou Sílvia, um amigo, vim porque queria conhecer você.

- MARIA - Como você veio até aqui?

- SÍLVIA - Voando.

- MARIA - De onde?

- SÍLVIA - De um lugar muito bonito, mas muito longe daqui.

- MARIA - Lugar bonito? será que você me leva lá?

- SÍLVIA - Claro! Feche os olhos e me dê a mão (Efeitos sonoros e luminosos), pronto, pode abrir. (entram os brinquedos).

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- MARIA - Que legal!
- SÍLVIO - (pausadamente) Sabe Maria, eu a trouxe aqui por -
que eu gosto muito de você, você é muito especial
para mim.
(Os brinquedos que até agora estavam na penumbra
e em silêncio, ao acender das luzes começam a fa-
lar).
- BRINQUEDO I - Ei pessoal, vejam quem chegou!
- BRINQUEDO II - Olá, Maria, vomo vai?
- MARIA - Como eles sabem o meu nome?
- BRINQUEDO III - Aqui nós sabemos de tudo, é um mundo diferente.
- BRINQUEDO IV - Não temos limites de tempo!
- BRINQUEDO V - Nem de espaço!
- BRINQUEDO VI - Nem de conhecimento!
- SÍLVIO - Isso responde à sua pergunta?
- MARIA - Mais ou menos, não estou entendendo muito.
- BRINQUEDO I - Não tente nos entender.
- BRINQUEDO II - Saiba apenas que somos amigos seus, iguais aos
seus outros amigos.
- BRINQUEDO IV - Não tente nos entender.
- BRINQUEDO V - Apenas confie.
- BRINQUEDO VI - Confie sempre na existência de um mundo melhor.
- BRINQUEDO I - Numa resposta simples para a situação mais compli-
cada.
- BRINQUEDO II - Confie, sobretudo, na força que você tem dentro de
você.
- BRINQUEDO III - Para nós a vida é lindo vôo, uma fantasia.
- BRINQUEDO IV - Um convite à alegria. (Inicia-se uma coreografia)
Após o término da coreografia Maria abraça Sílvio
Chega Beatriz e Sílvio se agasta.
- BEATRIZ - (Entrando nervosa) O que? você ainda está aí? sua
pestinha, ainda não arrumou nada?



- MARIA - Desculpe mãe, eu já arrumo. É que eu estava brincando com o...
- BEATRIZ - De novo com essa estória de amigos imaginários, você está proibida de pensar nisso.
- MARIA - Mas mãe (olhando para Sílvia).
- BEATRIZ - Menina, você já está com sete anos, esse tipo de coisa não serve para você.
- MARIA - Mas como você não pode vê-lo? (Apontando para Sílvia)
- BEATRIZ - Deixa de ser maluca, você está sozinha comigo neste quarto.
- MARIA - Vamos Sílvia, fala alguma coisa (Olhando para Sílvia que gesticula demonstrando que não pode fazer nada).
- BEATRIZ - Chega Maria, não quero que arrume coisa nenhuma, vá já para a sala.
- MARIA - Tá bom. (Sai do palco emburrada deixando Francisca sozinha)
- BEATRIZ - Ah! pobre de mim ainda tenho que arrumar essa bagunça. Maldita empregada que não veio hoje. Ah! como a gente sogre para disciplinar uma menina; mas o meu sonho há de se realizar, Maria será uma mulher perfeita digna do sobrenome de sua mãe. (Apagam-se as luzes e começa a tocar uma sirene. Após Beatriz sai do palco e acendem-se as luzes).
- CENA 3 Inicia-se a cena com o som de uma sirene anunciando o término da aula. Passam pelo palco colegiais de um lado para o outro.
- SÍLVIA - Tá bom, agora me fala do Zeca.
- MARIA - Bom, ele é um gatinho, vou te contar um segredo, jura que não vai contar prá ninguém?
- SÍLVIA - Juro.



- MARIA - A gente tá namorando.
- SÍLVIA - Namorando? de beijo na boca e tudo? que nem na novela?
- MARIA - Bom, quer dizer, a gente ainda não se beijou, mas ele já pegou na minha mão, imagina, até os nossos signos combinam. (Do outro lado do palco enquanto Sílvia sai Maria começa a conversar com Luciana).
- LUCIANA - Mas porque não falar?
- MARIA - De jeito nenhum, não me fala do nojento do Zeca!
- LUCIANA - Mas vocês não estavam namorando? dizem até que se beijavam na boca.
- MARIA - Nem me fala.
- LUCIANA - Por quê?
- MARIA - Ele tem sapinho.
- LUCIANA - Desse jeito você acaba sem namorado.
- MARIA - Eu não. Sem namorado eu não fico. O Toni não tem sapinho e além do mais sabe até beijar com língua. Sozinha é que eu não fico. (Logo após dirige-se ao outro lado do palco onde esbarra em Beatriz).
- BEATRIZ - Onde é que a mocinha pensa que vai? já sabe, de castigo. (Maria se dirige ao outro extremo do palco onde quatro amigas cochicham na sua espera)
- SANDRA - E aí?
- MARIA - E aí ele me convidou para ir ao cinema.
- REGINA - Será que a tua mãe vai deixar?
- MARIA - Acho que não, acho não, tenho certeza; mas tudo bem, não vou pedir prá ela mesmo.
- SÍLVIA - Não se preocupe, ir ao cinema é uma coisa tão natural! (No outro extremo conversam Alfredo e Beatriz).
- BEATRIZ - Natural coisa nenhuma, não vai e pronto.
- ALFREDO - Nossa filha está com 15 anos é natural que queira ir a festinhas.



- MARIA - Como é pai, posso ir?
- ALFREDO - Eu acho que não tem problema nenhum, já que você vai com suas amigas.
- BEATRIZ - O que? como não? o mundo está perdido, a minha filha não vai ser dessas que andam por aí voando as tranças, depois Maria Amélia não vai se misturar. As amizades de minha filha sou eu quem escolho.
- ALFREDO - Vai sim, pode ir minha filha, sua mãe não quer deixar você ir a nada.
- BEATRIZ - Não! Maria Amélia não vai não.
- MARIA - Mas mãe.
- BEATRIZ - Cale a boca e vá já para o seu quarto.
- ALFREDO - Você não devia ter sido tão agressiva com a nossa filha.
- BEATRIZ - A filha é minha e eu faço o que eu quero. (no outro lado do palco as luzes revelam Maria conversando com Rui).
- RUI - Como é que é? Vamos Maria? O pai me deixou a chave.
- MARIA - Ah! mas que pena, acho que não vai dar.
- RUI - Por quê? algum problema?
- MARIA - Bem que eu tô afim mas eu tô num daqueles dias, tu sabe né? e além disso estou preocupada com o vestibular. (Nisso entra o Zé com toda sua turma festejando o seu ingresso na Universidade).
- ZÉ - Maria saiu o listão. Nós passamos!
- MARIA - Deixa eu ver. Passei! (Quando Maria vê seu nome no jornal todos aplaudem e servem os aplausos para inciuar a cena seguinte)
- CENA 4 Inicia-se a cena com um dos estudantes terminando o seu manifesto

NELSON
SOBRERO

- Por isso a campanha da educação gratuita em todos os níveis (os jovens vibram) deve ser reconhecida como reivindicação permanente, nossa posição precisa ser ouvida e valorizada (jovens vibram); continuaremos com as manifestações, continuaremos até que o grito dos jovens seja ouvido para elaboração de uma constituição justa, democrática e soberana (palmas).

PRESIDENTE
DA MESA

- Chamamos agora o colega José Carlos Chagas representante do DCE da Universidade de Alagoas, que vai expor a sua proposta.

MARIA

- Vai lá Zé (acompanhada de aplausos da turma), defende a nossa Universidade.

ZÉ

- Bem colegas, a nossa proposta é o resultado de uma exaustiva reflexão sobre um dos mais graves problemas da nossa sociedade: o aborto. E hoje trago a bandeira levantada pela faculdade de Medicina de minha universidade; como proposta a legalização do aborto. (os jovens dividem-se entre palmas e vaias, O Presidente pede silêncio, Zé fala com dificuldade de no começo). Colegas, por favor ouçam-me, a prática do aborto é tão antiga quanto o homem, nunca deixou de existir apesar das proibições. É apenas uma questão de oficializar uma prática que sempre existiu.

KARINA

- Qual é? por acaso és representante de alguma multinacional.

ZÉ

- Que tem a ver as multinacionais com isso?

KARINA

- Ora, isso é obvio, para um sistema capitalista é interessante que haja sempre uma grande quantidade de mão-de-obra disponível, porque assim pode se manter os salários baixos, e porque isso? Porque os capitalistas querem nos ver rastejando de



fome, se alguém incomoda, basta demitir, pois há muitos na fila esperando aquela vaga. A realidade é que somos manipulados, hoje, para eles, é bom que haja desempregados, assim eles evitam uma convulsão social, se nós formos muitos, seremos mais fortes. Eles querem controlar os vivos e os que ainda não são vivos para defender seus interesses sujos. Sem essa de controle de natalidade em prol do colonialismo nacional.

DARLÃ

- Tu não entendeu nada menina, o aborto é uma necessidade social; hoje à disposição dos ricos, que podem viajar para o estrangeiro ou pagar uma clínica clandestina. O Aborto é também um direito de classes mais pobres. Afirmo que é uma necessidade social, deve estar ao alcance de todos. Além do mais o aborto legalizado faria retroceder o aborto clandestino, é portanto uma medida profundamente humanizadora, que também iria diminuir o número de crianças que passam fome nas calçadas, abandonadas à marginalização.

JORGE

- Humanizadora? Tá louco cara, então quer dizer que diante de um número maior de bocas do que a quantidade de alimentos, procuramos resolver o problema cortando a cabeça de inocentes para que haja comida para todos. Não seria uma política mais humana e justa aumentar a quantidade de alimentos?

- No entanto o maior comércio do mundo é o de armas : o preço de um carro de combate equivale ao de 84 tratores agrícolas; o custo de um porta-aviões poderia se alimentar durante um ano uma cidade com 100.000 habitantes; com o custo de 02 aviões bombardeiros se poderia atender durante um ano, todos os leprosos do mundo, que são 15.000000.

Teatro de Arena
Av. Borges de Alencar, 835
Fone: 224.9142 - C.R.P. 99020-025



CLÁUDIA

- Você está divagando Jorge, não podemos culpar ou justificar nossos problemas com uma realidade que não nos pertence. É humilhante apelar para a clandestinidade, sem anestesia, nem diálogo; me re volta essa arbitrariedade que criminaliza a mulher por um direito que é seu, quantos já morreram por não ter um atendimento adequado.

ANGÉLICA

- Mas, Cláudia, só Deus pode tirar ou dar a vida, is so é o que está na bíblia.

DARLÃ

- Não me venha com o seu misticismo fanatizado, as religiões impõem o seu veredicto, sem jamais ouvir os envolvidos, visando exclusivamente e em primeiro lugar os seus interesses egoístas. A mulher é que tem a responsabilidade com seu corpo, a ela é que cabe decidir se vai, ou não, gerar o filho.

ANGÉLICA

- Mas Deus.

KARINA

- Larga de ser idiota! nós mulheres precisamos lutar por nossos direitos, ele está certo.

CARLOS

- E quem defenderá o direito das mulheres que estão para nascer?

PRESIDENTE

DA MESA

- Atenção, pessoal, peço que vocês se preocupem em seguir a ordem do debate, sem interromper a expla nação do colega, sem fazer ataques pessoais, preocupem-se com o tema. Com a palavra José Carlos Chagas.

ZÉ

- Podemos notar que a opinião está bem dividida, mas quero salientar que com essa proposta nos preocupamos principalmente com a consciência social; que até hoje tem sido castradora neste sentido, se a mulher tem um filho e não possui condições de cria-lo é prostituta, se aborta é porque é criminosa. Que opção? Anticoncepcionais? ora sabemos que nem



todos tem acesso aos anticoncepcionais, até mesmo por uma questão de educação.

RUI - Nesse caso é admissível até o aborto eugênico.

ZÉ - Não posso excluir essa hipótese.

JORGE - Isso é voltarmos ao barbarismo, você sabia que se fosse permitido esse tipo de aborto em mães que tivessem rubéola, Beethoven não teria nascido?

ZÉ - Não podemos avaliar uma realidade social por apenas um caso.

JORGE - Um caso? mas é só avaliar pelas estatísticas, seria necessário abortar 2.488 crianças normais para evitar o nascimento de 35 anormais, isso é um massacre. E eu sei de casos de um ginecologista que vende fetos para uma fábrica de produtos químicos, para fazer sabão e cosméticos; e de clínicas que cobram 60% a menos para abortar se formos comparar ao preço de um parto normal.

ZÉ - Mas eu pergunto. A legalização não permitiria o controle, a disciplinaçãõ e educaçãõ desses atos? não é com o que devemos nos preocupar, com a educaçãõ?

CARLOS - (após um período de silêncio) Aí pessoal, eu tenho a solução para essa "sinuca de bico".

MARIA - Sinuca de Bico?

CARLOS - É, sinuca de bico (com a mão faz o sinal da gravidez), escuta é só fazer o seguinte: se a mulher quer abortar o filho e não quer estragar o seu corpo, é simples, primeiro ela tem a gravidez normal, após o nascimento da criança o médico injeta uma droga, causando a morte do bebê; aí fica tudo bem, a mãe sem o filho como ela queria, sem qualquer problema de esterilidade, gravidez tubária, parto prematuro ou lesões no colo uterino.



CLÁUDIA

- Mas isso é assassinato!

CARLOS

- Exatamente Cláudia - Aborto - é só uma questão de espaço geográfico, dentro ou fora.

CENA 5

(Ao término do debate acende-se a luz focalizando Alfredo e Beatriz, conversando a um canto do palco)

BEATRIZ

- Educação, vejam só quem vem falar em educação!

ALFREDO

- Educação sim, você não tem a mínima noção para educar nossa filha.

BEATRIZ

- O que você está dizendo?

ALFREDO

- Maria já é uma moça, tem 18 anos e já na Universidade.

BEATRIZ

- Eu sou mãe e sei muito bem o que estou fazendo, tenho responsabilidade sobre ela. Graças a minha educação Maria Amélia não é como esta juventude prostituída, com drogas e vícios. Eu escolhi muito bem as amizades da minha filha.

ALFREDO

- É a educação que nós demos a ela? Será que não vai adiantar nada? você não confia na educação que nós demos a ela?

BEATRIZ

- Confio, mas cuidado nunca é demais.

ALFREDO

- Você já pensou na hipótese de nossa filha não ser o anjo de bondade que você imagina?

MARIA

- (Na penumbra num canto do palco) E se eu ficasse grávida?

BEATRIZ

- Eu não admito isso, de maneira alguma. Maria Amélia é perfeita!

MARIA

- Que será que o Guto iria dizer?

ALFREDO

- Eu não assumo, a responsabilidade desse tipo de educação é sua.

BEATRIZ

= Minha? assim você está colocando uma barreira entre eu e minha filha.



- ALFREDO - Você vai querer negar a importância do diálogo?
- MARIA - Puxa, eu precisava falar contigo, queria tanto te ver! (Após isso apagam-se as luzes que focalizavam Alfredo e Beatriz, que saem de cena, simultaneamente acendem-se o foco onde se encontram Maria e Guto abraçados)
- GUTO - Eu também meu amor! , estava louco prá te ver de novo.
- MARIA - Eu te amo.
- GUTO - Eu também.
- CENA 6 (Apagam-se as luzes que focavam Maria e Guto, que saem de cena. Acende-se o foco que ilumina Sílvio, que manterá diálogo com os mentores "luzes").
- CARLOS - Sílvio.
- SILVIO - Sim.
- AUGUSTO - Temos uma notícia para você.
- SÔNIA - Está próximo o momento do seu reencarne no plano terreno.
- SILVIO - A quanto tempo espero esse momento, poderei me re encontrar com Maria.
- CARLOS - O seu ligamento ao corpo será antecipado. Maria e Guto não conseguem conter seus impulsos. O período fértil de Maria, que se aproxima, é propício para a fecundação, a partir daí vocês já estarão ligados.
- SILVIO - Como assim?
- SÔNIA - Vocês estarão unidos por um laço fluídico, desde o momento da fecundação do óvulo até o seu nascimento. Este laço irá se apertando gradativamente, quando ocorrer seu nascimento esses laços unirão definitivamente você ao corpo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- AUGUSTO - Sílvio, o importante é que você esteja consciente da responsabilidade da reencarnação e sobretudo confie, tenha fé e fique com a certeza de que nada acontece por acaso.
- CARLOS - Essa existência será de muitas dificuldades. É o reflexo de seu comportamento em vidas anteriores.
- SÍLVIO - Eu sei, só espero ser bem recebido. Estou com um pouco de medo, será que Maria ainda se lembra de mim?
- AUGUSTO - A vida nos fala nem sempre aquilo que queremos ou vir, mas o eco de nossas próprias vozes, quando entenderes o valor do silêncio, compreenderás o que eu te digo.
- CENA 7 (Essa cena é uma seqüência de opiniões, conselhos e influências que são dadas à Maria. Cada opinião é dada de um ponto distinto do palco, o foco principal ilumina a personagem que estiver falando. Maria é personagem passiva, se deslocando na direção de quem fala, exceto no caso do obsessor e do mentor)
- AMIGA I - Vamos encarar os fatos, a liberdade sexual é uma realidade de nossa sociedade, transar é um fato normal, seja jovem, casado, velho, é um fato. Quem não quiser encarar isso de frente, estará fugindo de se mesmo.
- AMIGA II - Claro, posso até concordar, mas você há de convir comigo que a carência de amor e falta de responsabilidade são também realidades do nosso mundo.
- GUTO - Maria, Vê se não força, eu gosmo muito de você, mas essa não dá prá segurar, pode até me chamar do que você quiser mas eu não vou mudar o meu modo de vida, foi legal, valeu, a gente se curtiu muito ,

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90010-025



- vê se entende, não dá.
- MARIA - Mas eu tô grávida.
- AMIGA II - Não adianta, homem é tudo igual, se ele disse que ia pular fora, não adianta correr atrás; enfrenta o problema sozinha menina.
- AMIGA I - (Rindo) Há,Há, você está esquentando com isso? ele não quer o filho, você também não? Isso já aconteceu comigo, é fácil, Aborta, ora.
- OBSSESSOR - Isso mesmo, excelente idéia, assim você dá o troco que ele merece. Aborta.
- AUGUSTO - Maria, um erro não justifica o outro. Pense um pouco.
- AMIGA III - Errado? errado hoje em dia é não roubar.
- AMIGO II - A legislação humana é tão inconstante quanto o homem, mas em todo caso eu tenho um conselho: procure ser você mesma.
- AMIGA IV - O que eu acho que tua mãe ia dizer? no mínimo ela te botava pra fora de casa; olha Maria, sou tua amiga a anos e conheço bem tua mãe.
- BEATRIZ - Maria, o que você tem? está tão abatida? aposto que esta faltando um namorado para você. Você está com 18 anos, tem de tudo, só pode faltar isso. Não se preocupe, casualmente eu pensei nisso ontem, e sábado irei te apresentar um rapaz frequentador da alta sociedade, é da família Freitas. Como você vê é gente do nosso nível. Ah! se eu não conhecesse a minha filha.
- OBSSESSOR - Viu só Maria, você ainda acha que ela vai te entender? tua mãe está em outro mundo. Aborta esse filho de uma vez, antes que mais gente saiba, esse filho só vai te complicar a vida, não entra nessa estória que aborto é crime. Depois que estiver barriguda, em casa vomitando, não vá dizer que eu não



- avisei.
- AUGUSTO - Maria se hoje a situação é adversa, isto é o resultado de tuas próprias atitudes impensadas, colhemos o que plantamos, pense, ninguém tem o direito de tirar a vida de quem quer que seja, ainda me nos de um ser indefeso, procure acreditar mais em você mesma.
- OBSSESSOR - Aborta, vamos.
- AUGUSTO - Reflita, a decisão é sua.
- OBSSESSOR - (Dirigindo-se à amiga II) O que? como você pode deixar a situação desse jeito? daqui a pouco ela resolve ter o filho, conversa com ela, ele só vai trazer complicação.
- AMIGA I - Maria, não fique assim, me deu a intuição de te ajudar, se quiseres abortar eu te ajudo em tudo o que estiver ao meu alcance, só não quero te ver sofrer.
- AMIGO II - Das tantas vozes que escutastes, não quero ser mais uma voz, mas mais um amigo; um amigo que fala pela experiência dos anos, procura ouvir o silêncio de tua própria alma e ele te dirá num encontro contigo mesmo aquilo que não ouvirás da boca de mais ninguém: o grito silencioso da verdade.
- CENA 8 COREOGRAFIA 02 - (Maria caminhando sozinha no palco, reflexão: Abortar ou não)
- CENA 9 COREOGRAFIA 03 - (O Aborto)
- CENA 10 (Mentores - luzes - conversando após a coreografia)
- CARLOS - O estado de Maria é crítico neste momento.
- SÔNIA - Seu desencarne está próximo, nossos esforços juntos à equipe médica da terra foram muitos, entretan



to o organismo de Maria está muito debilitado e não pode resistir por muito tempo.

- LOURENÇO - O quador é gravíssimo, mesmo Maria tendo abortado o feto, este ainda se encontra ligado à ela, cobrando a oportunidade de reencarnar.
- AUGUSTO - No passado seus espíritos estiveram ligados por diversas vezes, onde contraíram muitos débitos.
- SÔNIA - O desencarne de Maria deve ocorrer a qualquer instante, porém tanto ela como Sílvia deverão permanecer inconscientes por muito tempo.
- CARLOS - Já averigui a situação da família.
- LOURENÇO - Maria está desencarnando, neste instante a família está precisando muito de apoio.

- CENA 11
- BEATRIZ - Apoio, quem precisa de apoio? a minha filha está desaparecida a dias e você vem me falar em apoio. (A cena desenvolve-se próximo das ribaltas, à frente, enquanto isso no fundo, permanecem na penumbra Sílvia e Maria)
- ALFREDO - Calma, esteja onde ela estiver, ela precisa do nosso apoio.
- BEATRIZ - Quem precisa de apoio sou eu. Aposto que ela foi sequestrada, minha filha é tão inocente.
- ALFREDO - Até nessas horas você é prepotente Beatriz, ponha os pés no chão, a nossa filha está desaparecida e você vem com essas idiotices.
- BEATRIZ - Será que ela está distante? minha filha perfeita onde, onde estará?
- ALFREDO - Recebi um telefonema da Polícia, o delegado parece que descobriu algo, vai telefonar daqui a pouco.
- BEATRIZ - Os jornais estão noticiando o desaparecimento de nossa filha.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fonc: 226.8242 - C. U. P.



ALFREDO

- (Atendendo o telefone, recebe a notícia da morte de Maria, silêncio no ar, Beatriz percebe e entra em pânico). Senta-se com as mãos entre a cabeça:

- Meu Deus, Beatriz.

BEATRIZ

- Diga, diga o que aconteceu, diga, diga, (esbraveja, se ajoelhando ao lado do marido). Alfredo.

ALFREDO

- Maria.

BEATRIZ

- Fale homem!

ALFREDO

- Maria morreu, ela cometeu um aborto.

BEATRIZ

- (Beatriz sai arrastando-se no chão) Minha filhinha, minha filhinha, não, não é verdade, minha filha, não pode ser, só pode ser intriga dessas invejosas que só sabem falar mal de minha filhinha. Tenho que arrumar o quarto, suas roupas, amanhã precisará para ir à aula; eu disse para ela não se atrasar, eu sabia, são esses amigos que a estão desen^{ca}minhando. Minha filhinha, minha filhinha, vou preparar o prato que ela mais gosta, Alfredo, com^{pre}pre aquele disco que ela pediu, não, faça uma sur^{pre}presa, compre alguma coisa diferente, compre...

ALFREDO

- Cale a boca mulher, você sempre a isolou da reali^{da}dade da vida, agora, quando nossa filha nos deixa pela nossa indiferença em educá-la, agora quando não podemos dizer-lhe mais que a amamos e que os nossos erros foram consequências de nossas igno^rrâncias, agora que não podemos acolhê-la, nem a^{que}le que poderia ser nosso neto, você está fugin^{do}do, fugindo como sempre, acorde mulher, enfrente a realidade agora; acorde Maria está morta, morta. (Os dois se abraçam em choro convulsivo).

CENA 12

(Apagam-se e acendem-se as luzes).



- AUGUSTO - Vamos retornar ao problema de Maria e Sílvio. Como está a situação dos dois?
- SÔNIA - Nenhum dos dois parece reagir, precisamos de toda força aqui.
- 5º MENTOR - Eles precisam de mais energia, vamos nos concentrar para poder auxiliá-los.
- LOURENÇO - Observem, eles estão reagindo.
- CENA FINAL (Maria e Sílvio estão no centro do palco, contorcendo-se arrastando-se, ouve-se gemidos e hurros)
- SILVIO - Covarde, egoísta, egoísta. (Silêncio). Assassina, tu me matou, maldita.
- MARIA - Não, não, não sou inocente, onde estou? e essa sombra sempre me perseguindo, eu quero sair daqui, eu quero sair daqui.
- SILVIO - Não fuja da realidade.
- MARIA - Deixe-me em paz, meu Deus, estou ficando louca.
- SILVIO - Tu tirou a minha chance de nascer, preferiu me expulsar, será que não existe em ti piedade? insensível, monstro.
- MARIA - Saia de mim, pelo amor de Deus, eu até queria ter você mas eu não podia te criar, meus pais não iriam te aceitar, teu pai não quis te assumir, não quis nem saber de ti; eu tive medo, eu.
- SILVIO - Então porque me gerou? tu foi covarde, meu pai foi covarde, todos vocês um dia hão de pagar por isso. Olha pra mim, olha pra ti mesma, você é a culpada disso.
- MARIA - Não, não é verdade.
- SILVIO - É verdade sem, você achou que abortando ia se livrar de mim, mas veja, olhe, você se tornou numa suicida e assassina.

MARIA

- Não, por favor, pare, o que eu posso fazer? Ah!
se eu pudesse voltar atrás, eu.

SÍLVIO

- Egoísta, tu não pensou em mim, só em você mesma,
eu fui uma vítima indefesa, eu sofri, fui uma ví-
tima indefesa.

MARIA

- Eu não quero lembrar, eu não quero lembrar, não
me torture mais, não.

SÍLVIO

- Mãe tu fugiu, teve vergonha de mim, de mim, seu
filho (silêncio)

Pouco a pouco, eles vão se aproximando em choro
convulsivo, em Maria é despertado o instinto de
mãe e naquele instante, num ímpeto d'alma ela es-
tende a mão para afagar seus cabelos, enxutar su-
as lágrimas, sentem a necessidade do perdão mútuo
e do Amor, e acabam se abraçando, neste reencontro
fica expressa a esperança e fé para numa nova o-
portunidade para juntos darem a volta por cima.
A peça termina com o feto se descaracterizando da
personagem, bem como todo o grupo, que vai para o
palco; logo que todos estiverem no palco o ator
que fez o papel do feto encerra a peça com a pala-
vra "Profetus": um manifesto a favor da vida!



24-5-86
Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-028

Marco Antônio Lirio de Nello